



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

O olhar sem véu e o supersocial

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

Este número de *aSEPHallus*, como acontece uma vez por ano, traz contribuições que emanaram do nosso último Simpósio. O tema da transparência e da obscenidade, que se manifesta no imaginário contemporâneo, nos foi inspirado pelo VII Encontro de Psicanálise de Orientação Lacaniana. Meu artigo neste número da revista é baseado na conferência de abertura ao V Simpósio do ISEPOL. Minha tese é a de que vivemos uma torção e não uma ruptura entre a modernidade e a hipermodernidade. A hipermodernidade é o desmentido de que o Nome-do-Pai seja o agente da lei simbólica. Diferentemente do que ensina Miller (2005) não me parece que vivemos na época do "Outro que não existe". Do meu ponto de vista, a afirmação de que "é proibido proibir" inverte a tese freudiana de que a neurose é o negativo da perversão. A fantasia perversa pode expressar-se a céu aberto nos dias de hoje, sem precisar mascarar-se sob o enigma do sintoma. Se, como ensina Lacan, o objeto *a* ocupa a posição de agente no discurso contemporâneo (supereu) é porque a lei do mercado impõe o rebaixamento da dignidade da Coisa (*Ding*) aos objetos trocáveis, à mercadoria que se compra e se vende.

Este número de *aSEPHallus* segue-se ao livro que organizei no ano passado, juntamente com os colegas que integraram o GT da ANPEPP intitulado "Da lei simbólica à normatividade da rotina". Durante o lançamento deste livro na seção Rio da EBP, Lêda Guimarães aceitou gentilmente efetuar uma leitura do meu artigo intitulado "Do supereu sujeito à lei simbólica à normatividade supersocial dos corpos falantes". Em sua leitura deste artigo, Lêda valoriza dois temas indispensáveis para a formação dos psicanalistas de orientação lacaniana: o exame dos elementos estruturais das neuroses contemporâneas e a política do dispositivo do passe da Associação Mundial de Psicanálise. Como ela bem destacou, é preciso avaliar o destino do narcisismo ao final de uma análise, uma vez que um resto é absolutamente necessário para sustentar a relação com a vida. Durante esta mesma mesa redonda, Jorge Forbes levantou uma questão extremamente pertinente: por que a lei, no plano imaginário, seria reduzida à norma? Sua questão desdobrou-se durante o V Simpósio na defesa de um novo amor, como a forma

contemporânea da transcendência. Sem dúvida, nesta perspectiva, pode-se pensar em um imaginário que não seja reduzido à normatividade, mas que possa dar lugar à reinvenção do laço social. Em seu texto intitulado *Pleonexia*, Dany-Robert Dufour aborda o imaginário contemporâneo através do fundamento da lei do mercado. A riqueza, na medida em que ela substitui todos os valores e pode tudo adquirir é, então, o dinheiro que conta, o dinheiro que faz o homem. Assim, ao contrário de todas as outras “potências”, a riqueza não comporta nenhum limite: não há nada nela que possa marcar seu termo, demarcá-la, alcançá-la. A essência da riqueza é a desmedida; ela é a própria figura que toma a *hybris* no mundo.

Ariana Moura Gomes destaca que nos encontramos, na atualidade, imersos em uma sociedade que confere cada vez mais importância às imagens – como se pode verificar nas áreas da segurança, da comunicação, da saúde, dentre outras. Ressalta que tal predominância da imagem se deve à ascensão do discurso da ciência, que propõe que tudo o que é real pode ser conhecido, e, para isso, visto. A este momento atual, centrado na visibilidade, Wajcman nomeia, em determinado momento de seu livro *L’Oeil Absolu*, de a “Era do desvelamento”. Ariana em seu artigo investiga as implicações dessa nomeação, buscando para isso a elucidação do conceito de véu como proposto por Lacan. O objetivo de tal percurso seria o de encontrar recursos para pensar em que termos podemos explicar, do ponto de vista psicanalítico, a sociedade centrada no apelo à visibilidade como a identificamos. Matheus Henrique Kunst realiza uma abordagem introdutória à noção de imagem em psicanálise. Ele inicia com uma reflexão acerca do estatuto do imaginário na estrutura dos novos sintomas. Em seguida, articula duas proposições de Jacques-Alain Miller sobre as imagens em psicanálise com uma revisão de textos fundamentais dos *Escritos* de Jacques Lacan. Conclui refletindo sobre a elaboração do conceito de objeto *a* no ensino de Lacan e sua correlação com a arte moderna.

Márcia Infante Vieira apresenta uma vinheta clínica visando evidenciar a cultura da imagem em que vivemos e avaliar seus efeitos na construção das subjetividades contemporâneas. Da sociedade disciplinar, lugar do sujeito do conflito, passamos à sociedade vigiada, lugar do sujeito narcisista, submetido ao imperativo do gozo. O capitalismo é a causa da ruptura com a fé na história. Ruptura responsável por um colapso na cadeia explicativa que cercava o registro dos eventos públicos. O passado tornou-se irrelevante e o futuro vislumbrado como conturbado e incerto. O tempo é o aqui e o agora e os indivíduos tendem a viver narcisicamente em um tempo suspenso e em litígio com a sociedade patriarcal. Surge no cenário um Outro liberal, que não proíbe, e sim, incita a gozar. Maria Josefina Medeiros Santos investiga o fenômeno contemporâneo da amplificação da captura, visualização e compartilhamento de imagens gráficas da morte pela internet, visando apreender a que se deve essa maneira de lidar com tal sorte de imagem na qual impera a obscenidade. Ela se esforça em elucidar o porquê desse olhar despidorado, buscando articular esse fenômeno tanto à ideia de uma suposta perversão generalizada, quanto à suposição de que o

referido fenômeno seja apenas mais um índice do rebaixamento do pacto simbólico e de todas as consequências a ele vinculados.

E, finalmente, Lina Petraglia efetua uma excelente resenha do livro *L'Œil Absolu* de Gérard Wajcman que foi, inclusive, uma das contribuições de valor inestimável à reflexão do ISEPOL sobre o império das imagens. Tema proposto pelo VII ENAPOL e que nos levou a trabalhar com muito gosto. Espero que também nossos leitores sintam-se convidados a saboreá-lo. Muito obrigada a todos os autores que gentilmente nos cederam seus artigos.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (mai. a out. 2015). O olhar sem véu e o supersocial. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(20), 1-3. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n20p01-03

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 02/11/2015 / 11/02/2015.

Aceito/Accepted: 24/11/2015 / 11/24/2015.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.